

## Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

### **Fase anal (Analidade)**

*Por Lourdes Tisuca Yamane \**

Para tratarmos da analidade na vida psíquica, só o podemos fazer, na condição de pensá-la a partir do campo da sexualidade, entendida aqui, como uma das matrizes e forças propulsoras fundamentais na constituição do sujeito humano. Sabemos que o homem - entendido pela psicanálise como o sujeito do inconsciente - para se constituir leva um longo período de dependência em relação aos cuidados maternos dispensados durante os primeiros anos de sua vida (das figuras parentais). São cuidados que visam atender e sustentar às necessidades e aos apelos diante do desamparo do bebê, ainda recém-nascido. E, sabemos que a qualidade dessa relação mãe e seu filho irá imprimir as marcas duradouras na vida adulta desse infante, em suas relações amorosas.

Freud, nos *Três ensaios sobre a sexualidade*(1905), nos descreve como a criança pequena é mergulhada, banhada *no e pelo* olhar da mãe que a acaricia, beija, embala a partir de seu amor. E não podemos deixar de considerar que esses primeiros cuidados da mãe ao seu bebê em relação à amamentação, à higiene e aos cuidados de controle e treinamento do esfíncter, advirão dos próprios recursos dessa mãe, portanto, de sua própria sexualidade (da mãe), sua própria condição de sustentação amorosa e psíquica, tanto quanto do casal parental. A esses períodos Freud denominou de fase oral, sádico-anal, fálica e genital. Períodos esses em que a vida psíquica da criança se organiza e gira a partir da relação com o seu objeto amoroso, a mãe, pautada preponderantemente em torno de satisfações e frustrações pulsionais produzidas a partir dessas zonas erógenas (regiões do corpo de onde afluem os impulsos que demandam uma satisfação). Mais do que períodos pré-estabelecidos biologicamente, estes advêm como demanda da cultura, mediados pelos cuidados da mãe. Podemos pensar que a constituição psíquica desse sujeito segue a vida, quando a relação dele com um objeto de amor primário, no caso a mãe, pode sofrer deslocamentos e substituições ao longo da vida, por outros, como o pai; irmãos; amigos; professor(a); tio(a); namorado(a); colegas; marido/mulher; filhos.

Num primeiro momento, a mãe se oferece ao seu bebê alimentando-o através de seu peito. Mas aqui não se trata somente de oferecer seu peito ou alimentá-lo, mas fundamentalmente como a mãe oferece o peito, a forma como o toma com suas mãos, as palavras e canções de ninar que dirige ao seu bebê. E também na forma como ocorre o desmame. Como a mãe o faz e como o bebê aceita ou não, renunciar ao peito, que num primeiro momento é vivido como parte de si, de seu próprio corpo. Situação essa que pode produzir afetos, como o desamparo, estados de angústia. Estamos falando aqui da oralidade.

Do mesmo modo, a mãe entra nos cuidados com o seu bebê, no trato da higiene de seu corpo. Outra vez, não se trata somente da higiene em si, mas a forma como a mãe toca o seu bebê, as carícias que faz enquanto o higieniza, as palavras que dirige ao filho quando esse faz xixi ou cocô. Como ocorre no desmame, o controle do esfíncter e uretral passa pela possibilidade da mãe estimular a retenção das fezes e urina ou demandar a sua eliminação. Entramos no campo da analidade propriamente dito, denominado por Freud de fase sádico-anal. A organização sádico-anal marca o modo de relação com o objeto amoroso, pelo par de opostos ativo-passivo, masoquismo-sadismo, que na organização genital podem tomar a conformação do polo feminino-masculino. A *atividade* aqui, se faz valer pelo impulso de dominação e controle do objeto ( a mãe), e a *passividade*, pela sensação de prazer erógeno extraído da mucosa intestinal nesse movimento de reter e soltar o conteúdo fecal.

Poderíamos perguntar como a analidade entra na constituição do sujeito? Entra, mediada pela demanda da mãe que, ora pede para reter, ora pede para soltar as fezes. Excremento que a criança percebe como um pedaço estimado de seu corpo e que receia perder ao tentar satisfazer o pedido da mãe. Pela primeira vez, cede algo que advém de seu próprio corpo como troca e garantia do amor da mãe e de sua admiração quando diz: *Que cocô bonito!* Mas ao mesmo tempo que admira, espera da criança que não tenha uma relação direta com esse belo cocô, a não ser por uma via sublimatória. Do belo cocô, dado como “presente” à mãe, num outro momento, este pode ganhar um novo sentido, o de um “bebê”, nas suas formulações sobre as suas teorias sexuais infantis. Sem poder ainda perceber as diferenças sexuais feminino-masculino, crê em suas fantasias que ao comer algo, possa ter um bebê pelo ducto intestinal. É importante considerar que sob o mesmo substrato dessa zona erógena, a anal, pode produzir sensações de prazer, como despertar angústia diante da possibilidade de se separar, perder, renunciar algo em troca do amor da mãe.

Para finalizar, seria importante esclarecer que da mesma forma que a analidade tem o seu papel importante na constituição do sujeito, os possíveis percalços nesse intercurso podem produzir também afetos de amor, ódio, angústia, sofrimento psíquico e até o seu adoecimento. Não esqueçamos que o interesse de Freud pela sexualidade se originou do observar a importância dos fatores sexuais na etiologia das neuroses, isto é, a hipótese de que as neuroses repousam em alguma dificuldade no que se refere às organizações pré-genitais da vida sexual.

\* Lourdes Tisuca Yamane é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.